

CONFERÊNCIA (1).

A FALÊNCIA DA PAZ: 1918-1939 (2).

O ideal seria falar desses anos que vão do fim da primeira guerra mundial ao início da segunda, como se nós não os tivéssemos vivido, como se eles não significassem, para nós, tristezas, loucuras, esperanças, misérias, insopitáveis indignações e, para os homens da nossa idade (3), a perda irreparável dos melhores anos da vida. Verdadeiramente, o ideal seria falar desse período incandescente como de anos que nos foram estranhos, afastados de nossa existência, já perdidos no passado, isto é, indiferentes às nossas paixões e às nossas recriminações, mesmo as mais legítimas. Mas isso é um ideal difícil de ser atingido.

I

Daqui a uma centena de anos, o historiador, se nessa época houver ainda historiadores, reconhecerá facilmente que esses vinte anos foram terrivelmente inquietos e incertos, com muito poucos instantes de verdadeira paz (sabeis que é sempre necessário distinguir entre as diversas categorias de paz: paz profunda, paz precária, paz injusta... Maurice Baumont chega mesmo a falar de não-paz) esse historiador reconhecerá que não houve paz verdadeira, digna desse nome, senão entre 1924 e 1929 quando muito, portanto, durante breve aurora desses anos de mau tempo persistente.

*

* *

Porque o mau tempo durou bastante. De 1918 a 1924, por toda a parte, apareciam, reproduziam-se e sucediam-se as violências,

(1). — Conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O texto francês foi revisto pelo autor e traduzido por E. Simões de Paula.

(2). — Outras referências sobre o assunto encontram-se no excelente livro de Maurice Baumont, *La faillite de la paix, 1918-1939*. Paris. Alcan. Col. "Peuples et Civilisations", 2.ª edição (1946), 817 pp.

(3). — O autor, Prof. Fernand Paul Braudel, combatente da 2.ª Guerra Mundial, foi aprisionado em combate pelos alemães em 1940 e permaneceu como prisioneiro até o fim da mesma (Nota do tradutor).

os golpes de estado, os incidentes sangrentos, na realidade verdadeiras guerras...

Assim foi sobre todas as fronteiras recém-traçadas dessa Europa Central dividida cientificamente pelos diplomatas, mas na realidade espotejada sangrentamente. Assim foi, mais ainda, através da imensidade asiática; da Turquia, que seria logo a Turquia de Mustafá Kemal, até a China, ao passar da Rússia européia para a Rússia asiática. A guerra refluiu insopitavelmente da Europa para a Ásia...

Não acreditais que depois de 1918, através dos intermináveis espaços russos, tenha reinado a guerra e ainda a guerra? É verdade que com aspectos novos, com os horríveis aspectos da guerra civil. Na Sibéria, eis o almirante Koltchak, que os ingleses impulsionam para abandoná-lo incompreensivelmente, logo depois. Eis, rumando para Petrogrado, já agora transformada em Leningrado, o general Yudenitch que, por verdadeiro milagre, é repellido nas proximidades da "capital de outubro". Vindos do sul, e marchando sobre Moscú, surgem Denikine, "filho de servo" e, logo após, o barão Wrangel, aventureiro de romance...

Nada foi talvez, mais atroz, depois da primeira guerra mundial, que essa terrível "guerra russo-russa", interminável série de pilhagens, de assassinatos, de razzias e de misérias; horrores da guerra social juntando-se por toda a parte aos horrores conjugados da guerra política e da guerra estrangeira. E o drama durou anos... Os Soviéticos levaram a melhor, finalmente, graças à sua posição central, à sua tenacidade, e graças também à ineficácia das intervenções estrangeiras: a intervenção polonesa e a intervenção da França em favor de Wrangel...

Em novembro de 1920, a conquista da Criméia pelas tropas vermelhas, que teve por consequência o recuo precipitado e definitivo de Wrangel e de seus partidários, seu embarque para Constantinopla e a sua completa dispersão, pôe fim a grande "guerra russo-russa". Depois dela, continua a sangrar um país esgotado, saqueado, asseivajado, e sobressaltado ainda, pela revolta georgiana de 1924, por exemplo...

Acrescentemos que a "guerra russo-russa", drama russo por excelência, não é somente uma guerra civil. O estrangeiro aí interviém. Guerra civil e revolução, extravaza-se para além das fronteiras. É o caso da Hungria de Bela Kuhn, em 1919. A Polônia em 1920, pretendendo invadir a Rússia, é invadida por ela, e só é salva da cavalaria de Budienny pela milagrosa vitória do exército polonês, em 15 de agosto de 1920, diante dos muros de Varsóvia. Para leste, a tormenta russa estende-se para mais longe ainda: toca o Extremo-Oriente e liga-se à história sanguinolenta da China, dando origem ao Kuo-Mintang.

Nesses anos movimentados, que decorrem diretamente da agitação da Grande-Guerra, não vamos supor afoitamente que o mundo europeu ocidental conheceu a verdadeira paz e que viveu, sem cuidados, à sombra tutelar dos tratados do “arrabalde parisiense”. Na verdade, a tensão entre vencedores e vencidos perdurou, de maneira trágica, e em 11 de janeiro de 1923, franceses e belgas ocupavam a bacia carbonífera do Ruhr. Começava então nova guerra, a guerra do Ruhr, momento dos mais dramáticos da história européia...

Apesar da resistência passiva dos alemães, a ocupação logo triunfava e se impunha a uma Alemanha desorganizada pela crise econômica e pela catástrofe de uma inflação monetária sem precedentes. Assim, nessa guerra do Ruhr, triunfava a política enérgica do Presidente Raymond Poincaré, então à frente do Governo francês.

Mas essa vitória não teria conseqüências práticas por muitas razões. Em maio de 1924, os eleitores franceses pronunciavam-se a favor do “Bloco das Esquerdas” e a experiência Poincaré foi condenada.

Além do mais, se o Ruhr é o centro da economia alemã, o regulador da vida econômica da Alemanha e, conseqüentemente, da Europa, é ao mesmo tempo uma das grandes cidadelas dos trustes internacionais. Tocar no Ruhr, é não somente desregular o mecanismo alemão mas, sobretudo, enfraquecer e por em perigo todo o sistema do capitalismo internacional. Isso feito, os financistas internacionais, cujos capitais estavam investidos nos negócios do Ruhr, tomaram posição contra a política francesa e arrastaram, sem dificuldades, os governos inglês e norte-americano. Foram eles, com efeito, que prepararam o revez final da empresa franco-belga e foi desse fracasso que saiu o primeiro plano internacional de reparações, o plano Dawes... Em 26 de agosto de 1925 as tropas francesas abandonavam as últimas cidades ocupadas do Ruhr, Duisburgo, Ruhrort e Dusseldorf. O pano caía então sobre a pseudo guerra franco-alemã.

É verdade que desde antes desse último ato a situação internacional melhorara bruscamente. De 1924 a 1929 o Ocidente, e quase todo o mundo, atravessava uma acalmia relativa. Esse rápido e bem nítido aparecimento do sol em mau tempo coincide com um reinício de prosperidade da economia internacional. É graças a esse reinício que a Alemanha de Stresemann sai do caos financeiro e cria uma nova moeda, o *Rentenmark*. É graças a essa prosperidade, também, que Poincaré pôde tentar a sua segunda experiência com o restabelecimento do franco em 1926. É graças ainda a essa volta da prosperidade geral — pelo menos há coincidência cronológica — que melhoram as relações franco-alemãs, com a assinatura, em outu-

bro de 1925, do pacto de Locarno, garantindo as fronteiras ocidentais. Em setembro de 1926, quase só, Stresemann e Aristides Briand encontravam-se na região de Gex, em Thoiry, entre o Jura e a Suíça. Nesse mesmo ano, em 1926, a Alemanha era recebida na Sociedade das Nações com tambores e clarins. Dois anos mais tarde, em 1928, firmava-se o pacto de paz Briand-Kellog que, ultrapassando o Atlântico, parecia aumentar o círculo de povos decididos a viver pacificamente.

Durante esses anos, sob o signo do ramo de oliveira de Locarno, a personalidade francesa dominante é a de Aristides Briand. Ele é a encarnação dos desejos franceses de paz e, podemos acrescentar, de uma paz, de uma paz universal aberta a todos os homens, a todos os povos, a todos os governos de boa vontade...

Quem negaria hoje o excepcional relêvo dos atos e das palavras daquele que foi considerado então como o "peregrino da paz" e a quem não faltaram nem os aplausos apaixonados e nem as críticas horrivelmente injustas? Nem mesmo, é necessário dizê-lo, as ilusões pessoais: "Enquanto estiver onde estou, declarava ele da tribuna de Genebra, não haverá guerra"...

Seria possível verdadeiramente à Sociedade das Nações evitar os conflitos e estabelecer no mundo um reinado de pacífica justiça? "Abaixo os canhões e as metralhadoras", declarava Aristides Briand em um outro de seus discursos. Na verdade, nada era mais fácil, para a Sociedade das Nações, que fazer respeitar sua lei pelas pequenas potências. Alguns telegramas, de fato, foram suficientes para regular um conflito greco-búlgaro. Mas a solução geral do problema da paz poderia ser, seria encontrada, sobretudo se as grandes potências estivessem em jogo?

Tem-se ridicularizado muito as palavras utópicas e os homens de boa vontade desses anos que se seguiram ao pacto de Locarno. Criticou-se neles a trágica falta do senso das realidades; praticou-se contra eles, sem medidas, a injustiça e a impertinência e pôs-se em dúvida, não sem razão, a sinceridade de Stresemann. Mas este último, como se vê das suas memórias publicadas logo após a sua morte (3 de outubro de 1929), poderia raciocinar, senão como alemão, desejo de salvaguardar o capital de forças e de energias da Alemanha?...

Mas sejamos justos. Se os homens desses anos cruciais não obtiveram sucesso nas suas tentativas; se foram acusados de incapacidade, de descuidos e de pensamentos tortuosos, não é justo notar que foram em muitos casos vítimas das circunstâncias, do encadeamento inexorável dos acontecimentos? Poderiam eles saber, prever, que o raio de sol pacífico iria durar apenas cinco pequenos anos? Poderiam eles prever que era necessário agir depressa, violentamente, revolucionariamente? Cinco anos de guerra parecem inter-

mináveis; cinco anos de paz não são mais que um instante na vida precipitada dos homens e dos povos...

*
* *
*

Ora, em 24 de outubro de 1929, o craque de Wall Street desencadeava uma crise econômica da qual o mundo levou anos para sair, e da qual não saiu, verdadeiramente, antes dos primórdios da segunda Grande-Guerra. Essa crise econômica sem precedentes pela sua violência e sua amplitude — crise de estrutura, crise intercíclica — multiplicando suas devastações por toda a parte, com rapidez tão surpreendente, demonstra por si mesma ser necessário, para neutralizá-la, que o mundo dividido pelas suas querelas e por suas paixões, seja fortemente unido pelos ritmos normais de sua vida material...

Desde 1930, a face política do mundo mudou: as revoluções, os golpes de estado, os crimes se multiplicam, sem cessar, até a explosão final, inevitável, — ou pelo menos que nos parece retrospectivamente inevitável — do verão de 1939.

Em 1930, as revoluções aparecem em todos os países da América Latina. Por toda a parte caem os governos, surgem desordens militares e populares: no México como em Cuba, no Peru como na Bolívia ou no Chile, na Argentina, no Brasil enfim, onde a revolução de 1930 determina a queda do presidente Washington Luiz e a eclosão, dois anos mais tarde — de 9 de julho a 28 de setembro de 1932 — da revolução constitucionalista de São Paulo...

Em 1931 estoura a revolução espanhola, incrivelmente pacífica, é verdade, no seu início... Em 1931 ainda, o Japão sob o pretexto de estabelecer a paz ao longo da ferrovia da Mandchúria, ocupava-a inteiramente e dá por terminada a operação em janeiro de 1932. Então, contra a China recalcitrante que defende sua causa na Sociedade das Nações, o Japão emprega de novo a força e ocupa Changai. Assim começa uma nova guerra da China. Ao mesmo tempo o Japão, esabelecendo o controle do intercâmbio comercial, firma-se numa autarquia que lhe permite retomar o fôlego; depois, recompensado por ter traído a economia mundial, procura desenvolver o seu comércio em todos os mercados do mundo, vitoriosamente, graças ao custo extremamente baixo de sua mão de obra.

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler recebia, com a Chancelaria, a direção do Reich, e a Alemanha promovia então a revolução que havia fingido desencadear em 1918.

Passam-se dois anos e, em 2 de outubro de 1935, a Itália fascista ataca a Etiópia. Uma guerra colonial como tantas outras, dirão; é talvez julgar apressadamente. A guerra da Etiópia é o problema das fontes do Nilo e do Canal de Suez, é o caso análogo ao da questão de Marrocos nos anos que precederam a guerra de 1914. A Itália na

jun. ura dos blocos que se opunham na Europa, deslocando seu fraco pêso, consegue, sòzinha, desregular a balança política do mundo. Em vão a Sociedade das Nações tenta aplicar sanções contra ela: as sanções não passam, entretanto, de recursos de comédia.

Em julho de 1936 começava a horrosa guerra civil da Espanha, planejada fora, imposta sem piedade a um povo veemente e apaixonado. Desde 1.º de novembro de 1936, Roma se aproxima definitivamente de Berlim e constitui-se então o “eixo Roma-Berlim” de que tanto se iria falar depois.

Em 13 de março de 1938, a Áustria foi invadida pelas tropas alemãs e, em algumas horas, terminou o drama da *Anschluss*. No rádio de Viena, o presidente Kurt von Schuschnigg teve apenas o tempo de gritar: “Deus proteja a Áustria!” Mas é ao mundo inteiro que Ele deveria proteger e salvar!

Seria isso possível então, com a marcha precipitada dos acontecimentos? Por maiores que tivessem sido no momento as nossas ilusões, nossas desesperadas ilusões, como não ver hoje o encadeamento inexorável daquêles acontecimentos? Em setembro de 1938, assistimos a horrorosa tragédia de Munique — covardia e imbecilidade misturadas — Checoslováquia, ferida de morte, sem mais que alguns meses para gozar de uma liberdade aparente e derisória. Em abril de 1939, quando soavam os sinos da Páscoa, os italianos caíram sôbre a Albânia minúscula e sem defesa. Em agosto de 1939, sob a surpresa do acôrdo germano-russo, surge a questão de Danzig e, depois, a invasão e o despedaçamento da Polônia apesar da mais heróica das resistências. . . No oeste, começava ao longo da fronteira franco-alemã essa guerra que não era guerra — essa *drôle de guerre* — em que os adversários se vigiaram durante meses na Lorena, na Alsácia, sôbre as margens do Reno, trocando raros tiros de fuzil, à espera do terrível e brusco furacão de maio de 1940. . .

II

Tais são os acontecimentos de 1918 a 1939, pelo menos os acontecimentos principais ou, melhor ainda, as linhas predominantes do quadro que eles nos sugerem. Sois capazes de preencher pelas próprias lembranças e julgamentos as lacunas; êsse quadro é forçosamente muito sumário: pudemos lembrar apenas o essencial e nada mais. Isto é o que basta para reconstituir o ambiente em que essa história próxima se desenvolveu para destacar alguns dos grandes problemas que ela equaciona.

Mas como responder de maneira satisfatória a tôdas as perguntas que se concentram em nosso espírito? Como explicar os fatos e os encadeamentos de fatos e passar dos acontecimentos às razões que os motivaram e dirigiram, muitas vêzes com lógica implacável?

Dir-nos-ão que tudo se explica pelos erros cometidos pelos vencedores? Por esses vencedores que, em 1918, liberados dos problemas russos pela falência da Rússia czarista, não tiveram a vontade, nem a força de tirar o imenso país da sua aventura, situando-o no quadro da política mundial...? Os vencedores não ficaram satisfeitos com essa ausência, sob tantos aspectos providencial para eles?

Dir-nos-ão que a Inglaterra, impedindo muitas vezes a França de regular, à sua vontade, o problema alemão, principalmente quando da guerra do Ruhr, é a responsável pelo segundo conflito mundial? Ou então a França, incapaz de abandonar a sua prudência, os seus cálculos meticulosos por ocasião da aproximação, dramática mas inútil, em re Stresemann e Briand, durante o ano de 1926? Ou ainda em 1924, os Estados Unidos que, reforçando suas leis sobre, ou antes, contra a imigração estrangeira forçaram, com efeito, a caldeira europeia a explodir, por estar cheia demais de homens? Ou, então ainda, tomaremos ao pé da letra as conferências do aristocrata Neville Chamberlain, o homem de Munique, o pouco viril e pouco clarividente primeiro ministro da Grã-Bretanha, amigo cego e criminoso da Alemanha hitlerista? Mas quem, cientificamente, ousaria refazer tal história — esse atentado contra o espírito? Ou, melhor, quem poderia estar seguro de que, modificando esses pequenos fatores, modificaria os resultados que conhecemos? Esses fatores tudo determinaram, tudo engendraram? Não eram eles pesados demais?

Dir-nos-ão igualmente — e aqui toda uma literatura viria em nosso abôno — que sob os acontecimentos de 1918 a 1939, advinha-se uma crise de estrutura, o declínio da Europa de que tanto se falou depois de Albert Demangeon e Spengler? É bem verdade que toda guerra, em última análise, é um conflito de espaços, um drama geopolítico. O “entre duas guerras”, desse ponto de vista, é para o mundo o adormecimento apenas de dois monstros políticos do globo: a Rússia e os Estados Unidos. Um mundo assim abandonado às pequenas e às falsas ou insuficientes potências. Mas tudo isso é bem maior que o único problema da Europa.

Voltemos à Europa. Quantas vezes foi dito que essa Europa, durante tanto tempo rainha do mundo pelo seu pensamento, não soube conservar, só para si, o segredo e o benefício de sua cultura triunfante, como devem ser guardadas as armas inéditas, isto é, novas e desconhecidas. Sim é não. Teve ela a política de sua inteligência? Mas quem não vê que esse declínio (se declínio existe) é antes uma consequência que a causa da guerra? E por outro lado, quem não vê que é impossível, mesmo hoje, impedir ao pensamento que percorra o mundo, que se difunda, se é móvel por natureza?

Poder-se-ia avançar, também, que o “entre as duas guerras” em conjunto se explica pelos ritmos e compressões econômicas, mas a explicação permanece simplista. Está longe de ser satisfatória. Economistas nos dizem que não há guerras senão durante os períodos

de prosperidade. Ora, de 1924 a 1929, a semi-ascensão da prosperidade mundial acarreta o fogo de artifício, não inteiramente ilusório, pelo menos, da aproximação franco-alemã. E não há guerra durante o mau tempo econômico? Nada nos permite afirmar, na verdade, que o reerguimento econômico, que marca os anos que precederam imediatamente à guerra, tem a responsabilidade do desencadeamento da segunda conflagração mundial. Há sempre, em verdade, possibilidade de guerras entre os homens, qualquer que seja o tempo econômico que reine pelo mundo...

Nós não cremos, tampouco, que se possa ver a segunda guerra mundial, nas suas origens, unicamente como um conflito de ideologias, de civilizações apaixonadas, uma guerra de religião na escala mundial... Ela o é seguramente, mas não é unicamente isso. Todo um mundo social, o do capitalismo decadente, dizia Sombart, vacila sobre suas bases, cambaleia. A primeira guerra mundial e o após guerra desferiram-lhe golpes terríveis. Por toda a parte o mal existe, como se "um maestro misterioso" dirigisse essa devastação silenciosa. Ameaçada pela ideologia comunista, pela ideologia fascista, como se defenderia o mundo? Se pretende resistir a uma delas é para abandonar-se a outra. Como esquecer essa fraqueza social das democracias, esse elemento do conflito em gestação? Mas tudo não se explica só por isso.

E não se esclareceria mais o problema dizendo que, na história dos homens, as guerras não cessam de se sucederem se não se assemelham. Seria cair na filosofia do senso comum, que tem o seu valor, suas ilusões e sua evidente inutilidade e, às vezes, seus eclipses. Foi corrente durante a primeira guerra mundial, dizer e repetir que ela seria a última das guerras. Em França, onde essa propaganda foi particularmente desenvolvida, o soldado combatente convencerá-se que a guerra que ele sofria seria a última das últimas, *la der des der*. É uma filosofia a qual é perigoso, infelizmente, nos entregarmos, em particular hoje, de olhos fechados.

*
* * *

Mas houve talvez de 1918 a 1939, para quem quizesse examinar os acontecimentos ou os fatos um pouco do alto, não uma explicação, mas um caminho suscetível de explicação.

Pensamos que o historiador do futuro verá como um dos fatos dominantes, dentre os que ocorreram entre as duas guerras mundiais, o brusco, largo e poderoso desenvolvimento dos Estados. Por toda a parte o Estado torna-se onipotente, ocupa-se de tudo e de todos, limita a liberdade individual, prescrevendo, medindo, taxando, supervisando cada instante da nossa existência. Herança do século XIX, mas herança singularmente agravada...

E' necessário lembrar que não há um govêrno da atualidade por mais fraco na realidade ou na aparência, que de fato não possua mil vêzes mais poderio que os dominadores mais autênticos de que a História sempre fala com muito respeito? Não há um presidente da República Francesa ou, então, um primeiro ministro francês que não possua hoje mais autoridade real que o próprio Napoleão; Napoleão que agia com a mesma rapidez, isto é, com a "mesma lentidão" de César; Napoleão que não podia dar a conhecer em Madri as suas ordens emanadas de Paris, senão 15 dias depois de as haver confiado ao correio; Napoleão que, apesar de toda a sua autoridade pessoal, de toda sua policia, não pôde impedir que escapassem à conscrição militar no fim do Império quase 200.000 insubmissos, imenso exército disseminado através de todo o território francês; Napoleão, enfim, que não levou a melhor em 1814 e 1815 na luta contra a pequena burguesia parisiense...!

Não esqueçamos que o Estado presente dispõe de todos os meios do progresso técnico, não só o telefone, o telégrafo, a T. S. F., o avião, como os meios e os métodos de propaganda, o ensino e, para terminar, os poderosos e modernos recursos de guerra.

Poderemos nos espantar d'êle tudo querer fazer? Administrar ferrovias, usinas, bancos, impor a todos seus nacionais a mesma maneira de ver, de sentir e de crer?

E, aliás, para chegar à plena dominação, o Estado, não tem necessidade de nenhuma política preconcebida. Êle tem à sua disposição os ultra-nacionalismos, que só aspiram a ser utilizados. O presidente Massaryk declarava que definir um problema nacionalista, seria voltar a situar-se imediatamente "nas zonas da zoologia", retornando assim a frase de Nietzsche sôbre o nacionalismo do futuro, "o nacionalismo dos animais de chifre".

Ê também Keyserling, quem diz com tristeza: "Cada qual professa hoje o seu nacionalismo como outrora professava a sua religião". Com uma diferença, todavia, acrescentaremos: os nacionalismos não se franqueiam a todos os homens, enquanto que não há religião digna dêsse nome, que não seja acessível a todos os corações e não mantenha abertas as suas portas benevolentes. Ê o que proclama, a sua maneira, uma encíclica de Pio XI, em 1937. Aí, o Papa, levantando-se contra os hitleristas, condena os que tentam "aprisionar nas fronteiras de um único povo, na estreiteza da comunidade de sangue de uma só raça, Deus... diante da grandeza do qual as nações são como gotas d'água suspensas num cântaro".

Que belo texto! Deus, a humanidade... o supernacionalismo, capaz de tudo devorar para se manter!

III

Senhoras, Senhores.

Que a guerra esteja sempre presente na vida dos homens, a entretecer seus fios vermelhos na tecitura cerrada da História! E' ela, nós hoje o sabemos muito bem, quem abre e fecha as grandes portas dos períodos históricos. A opinião dos historiadores acróbatas dos tempos de Anatole France, que excomungaram sumariamente a História-batalha não prevalece mais; excomungaram-na como se a vida não fôsse uma luta contínua, uma guerra sem fim; como se fôsse possível calar sobre as batalhas sem mutilar a História; como se tal silêncio fôsse o anátema da guerra!

Por outro lado, como concordar em nossos dias que se fale da guerra, atribuindo as suas ciladas terríveis à ação de alguns grandes homens, ou tidos como tais; às discussões sobre responsabilidades individuais; ao estabelecimento exato da hora do envio ou da recepção dos telegramas oficiais, como se os diplomatas fôsem os únicos e decisivos autores de seus dramas!

De fato, a guerra a inje as raízes mais profundas da vida; ela é, hoje, conflito de continentes, drama planetário; ela é, hoje, conflito de economias, de culturas, de ideologias. A guerra, aí de nós! Onipotente e multiforme, envolve-nos e está dentro de nós. Ela é inseparável da vida, como a luz é inseparável da obscuridade, como o dia o é da noite.

FERNAND BRAUDEL

Professor do Collège de France e Diretor de
Estudos na Ecole des Hautes Etudes (Paris).